A ressurreição do corpo

EDUARDO CAMPOS (*)

Há várias ressurreições, sob o ponto de vista sociocultural, neste *A Política do Corpo na Obra Literária de Rodolfo Teófilo* (Edição UFC, 1997), assinado pelo Prof. João Alfredo de Sousa Montenegro, autor de importantes obras de apreciação à história do Ceará, todas, convém aduzir em tempo, sem exceção cunhadas com alto sentido de seriedade e compreensão dos fatos analisados.

A primeira ressurreição é a de termos novamente, o que já não era sem tempo, desafiadora e viva a personalidade do romancista e homem de ciência Rodolfo Teófilo, escritor-repórter do drama das longas estiagens do Norte, quando sob tão generalizante localização geográfica o País considerava o Nordeste.

A segunda ressurreição vem a ser a da própria crítica literária, que nos últimos anos, tem-se mostrado pouco animada ao exercício de análises mais ousadas, a perseverar bastante aquiescente no cômodo vezo de eternizar conceitos desimportantes, observações meramente sediças e acadêmicas a respeito dos nomes maiores do nosso desempenho literário, situação que já por agora clama por novos rumos na apreciação de bibliografia conhecida.

A terceira, e, por sinal, a nosso ver, a mais importante das ressurreições, há-de ser sem dúvida a que descobre o corpo, este ressurrecto no livro do prof. João Alfredo de Sousa Montenegro, com coragem a de quem há perseverado, ao longo de seu exercício em corajoso e lúcido discurso quer de análise, quer de revisão histórica dos temas que depara, maneira de ser e de dizer que nesta oportunidade envolve conceitos filosóficos destinados a concorrer, sem dúvida alguma, para conferir nova dimensão a pelo menos dois romances de Rodolfo Teófilo, *A Fome* e *O Reino de Kiato*.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

M. Balchtin, em sua proposta de explicar o estabelecimento das relações entre o escritor e seus personagens, considera que o autor "não só vê e sabe tudo aquilo que vê, e sabe de cada um de seus personagens separadamente, e em conjunto, como também aquilo que, por princípio, é inacessível a eles. É neste expediente de visão e do conhecimento do autor com relação a seus personagens que se encontra os momentos de conclusão do todo, ou seja, a totalidade dos personagens e da obra em geral." (in *O Romance e a Voz*, de Irene A. Machado, Imago – FAPESP, Rio, 1995, p. 152).

Por isso, merece aplausos o Sr. João Alfredo de Sousa Montenegro quando observa que a "postura de Rodolfo Teófilo, ao longo de sua obra, e já no seu primeiro romance, ora em avaliação, denota a elaboração de um conhecimento progressista, que ultrapassa os limites do progressismo positivista do caráter comteano, fixando-se em vertentes largas de um universo cultural, a concorrerem para a presença de todo um rol rico de virtualidades teóricas e práticas" (o. c., p. 38).

Pela primeira vez o "corpo", nesses últimos anos, não permanece como entidade abstrata na temática do romance regional, ou que outra qualificação se lhe dê, do Ceará, mas um elo de ligação com as responsabilidades políticas e sociais dos que administram ou consolam (como a Igreja) a sociedade. É algo que mesmo vulnerado, achacado, levado a desespero, desnutrido, enlouquecido, vitimado pelo próprio meio em que vive, está de pé, respira, fala, move-se, pede, chora, perdoa e só raramente mata.

O corpo nesse livro, que tem a forma do infortúnio, do flagelado, não foi **visto** pelo autor como simples especulação ficcional. Em artigo que escrevi, a pedido do Ministério da Cultura, há alguns anos, em análise à obra de Rodolfo Teófilo, deparei a ligação de seus personagens com a realidade contemporânea dos dias em que viveu o escritor. Esses homens e mulheres sofridos, que percorrem os seus livros, estavam não de raro inseridos prioritariamente na crônica policial daqueles idos, e aí, só aí, em nicho de coisas sempre contundentes ou desagradáveis, fadadas a ter efêmera existência, não fosse a diligência do escritor em pinçá-los de tão inócuo e estúpido quotidiano para a perenidade do exercício literário.

Os despossuídos, os de corpos consumidos pelo confronto direto com a implosão desencadeada pelos grandes flagelos, não têm apenas sua indigência física, mas a representação andrajosa, em lastimável falência social que será mais nossa do que deles, dicionarizando toda uma linguagem carente de afeição e estímulos.

José Carlos Rodrigues, em obra de ampla discussão sobre o corpo, escreve: "Sob a influência lingüística saussureana, Lévi-Straus propôs uma abordagem da sociedade humana que tem por característica fundamental o postulado de que o comportamento humano e as relações sociais constituem uma linguagem" (in *Tabu do Corpo*, Achiamé, Rio de Janeiro, 1975, p. 9).

Linguagem revisada agora, quanto à temática do romance cearense, revisada e compreendida pelo Prof. João Alfredo de Sousa Montenegro em obra que esperamos possa estimular outros escritores, de igual porte, a mudar a direção de seus estudos para preocupações mais socioculturais que simplesmente literárias.